

# Tradução: DISCURSO DE HIJA DE PERRA NA MARCHA DE 2013 PELA DIVERSIDADE SEXUAL EM ARICA<sup>1</sup>

**Fabio Wosniak<sup>2</sup>**

1 A tradução do discurso de Hija de Perra na Marcha de 2013 pela Diversidade Sexual em Arica foi realizada com base em um vídeo da artista disponibilizado no YouTube. Todo o esforço foi feito para capturar com precisão a mensagem e o conteúdo do discurso original. Agradecemos à comunidade por possibilitar o acesso a esse material significativo e inspirador.

Expressamos nossa profunda gratidão a todas as pessoas envolvidas na criação e curadoria do conteúdo fornecido por @hijadeperraoficial. Seu compromisso em compartilhar perspectivas valiosas, promover a conscientização e incentivar a aceitação é notável e impactante.

2 Professor Adjunto na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e colaborador no Mestrado Profissional em Arte - PRFArte da Universidade Regional do Cariri - URCA/CE. Doutor e Mestre em Artes Visuais-UEDESC. Coordenador do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - CNPq/UNIFAP e do Programa de Extensão Apotheke em Dissidência/UNIFAP. Email: [f.wosniak@unifap.br](mailto:f.wosniak@unifap.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414> Contribuíram neste processo de tradução os estudantes e bolsistas de Iniciação científica PIBIC (Graduação e Ensino Médio), integrantes do Grupo de Pesquisas Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - CNPq/UNIFAP.

Boa noite, ouvintes. Para aqueles que ainda não me conhecem, sou Hija de Perra, uma Performista Insana. Há alguns anos, tenho ministrado cursos nas universidades, pois sou ativista da diversidade e da dissidência sexual.

Hoje, trouxe um discurso para expandir horizontes, direcionado especialmente àqueles distantes deste grupo ao qual pertenço. Busco promover a transformação do pensamento harmonioso, autêntico e latino-americano, que foi afetado pelo excesso do padrão de normalidade predominante em nossa sexualidade ocidentalizada ou obscurecida.

Vivemos em uma realidade transgressora, muitas vezes violenta e profundamente enganadora. Nesse cenário, somos testemunhas da destilação do circo político, sombrio e desagradável, enquanto os líderes governamentais frequentemente falham em nos representar verdadeiramente, ameaçando a integridade e a harmonia de nossa sociedade que, em sua maioria, permanece adormecida. Uma sociedade que é guiada de forma cega e silenciosa pelos princípios de uma igreja distante de nossa ancestral sabedoria indígena, substituindo a mãe Terra por outra figura materna, uma que estranhamente e sem o envolvimento de relações carnis, trouxe o filho daquele Deus que se impôs através de derramamento de sangue em nossas terras. Na atualidade, nossa sociedade é permeada por discursos normativos que moldam as noções de sexualidade e gênero. Esses discursos contribuem para regular o que é considerado comportamento apropriado ou inadequado.

É nesse ponto que os conceitos de masculinidade e feminilidade são formulados. São delineados os comportamentos e práticas socialmente aceitos para cada gênero, assim como as identidades sexuais que são toleradas. Ao estabelecer o que é considerado normal e apropriado, inevitavelmente se define o que é considerado divergente e anormal.

No contexto que vivenciamos, os estudos de gênero têm contribuído para o entendimento de que a sexualidade é uma construção histórica e cultural. Esta, por sua vez, é moldada pelos padrões impostos pela sociedade, restringindo o seu livre fluxo natural, que é, evidentemente, mais caótico e espontâneo. Tanto o gênero quanto a sexualidade são elementos de caráter político, inseridos em sistemas de poder que promovem e recompensam certas atividades individuais, enquanto relegam outros indivíduos à exclusão, punição e repressão.

Ou seja, aqueles que se distanciam das normas convencionais relacionadas ao sexo e ao gênero - sejam eles gays, lésbicas, transexuais, intersexuais, bissexuais, jovens não casados, trabalhadoras do sexo ou mulheres heterossexuais que buscam viver uma vida social e erótica que não se encaixa nos padrões tradicionais - enfrentam diversos tipos de ameaças em nossa sociedade.

Na atualidade, podemos observar a presença da norma heterossexual enraizada em nossa sociedade. Esta norma é definida como o processo pelo qual a vida social heterossexual é estabelecida como padrão compulsório, enquanto as sexualidades não heterossexuais são tratadas como desviantes. Esse modo de pensar tem origem nos colonizadores europeus, que também introduziram em nossa cultura ocidentalizada a visão religiosa e moral de que o sexo é algo perigoso, destrutivo,

pecaminoso e negativo. Essa perspectiva enxerga o ato sexual unicamente como um meio de reprodução, ignorando sua dimensão festiva na expressão de amor por outra pessoa, assim como sua função saudável e prazerosa no contexto de diversão e bem-estar.

Antes da chegada dos conquistadores, os povos indígenas que habitavam a América Latina não compartilhavam ou sequer concebiam os contextos sociais que hoje são influenciados pela Europa. Estávamos isentos desses paradigmas adicionais impostos. Por exemplo, Wiracocha, o deus criador da cultura Inca, que exerceu influência sobre todas as representações de divindades no mundo andino, possuía atributos tanto masculinos quanto femininos, caracterizando-o como uma divindade andrógina.

Para os Aymaras, as noções de masculino e feminino coexistiam em uma só entidade. A mulher era vista como a geradora da vida, e não existiam restrições quanto à visibilidade pré-nupcial. Em contraste com a perspectiva comum, nenhuma mulher andina era valorizada socialmente pelo seu estado de virgindade; na verdade, a valorização era direcionada no sentido oposto.

As relações sexuais anais não eram consideradas tabu nem crimes, mas sim procedimentos comuns dentro da cultura desse povo. Além disso, a homossexualidade feminina era aceita e tolerada nesse rico contexto cultural. No entanto, os colonizadores espanhóis e portugueses importaram sua concepção obsessiva sobre o bem e o mal, pecado e santidade, trazendo para a América a visão aristotélica machista de que o verdadeiro gerador da vida é o homem. Essa perspectiva finalmente levou a considerar as mulheres como um “segundo sexo”, promovendo uma lamentável forma de subestimação do sexo feminino. É importante ressaltar que, ainda nos dias de hoje, vivemos em um cenário onde as mulheres não possuem os mesmos direitos que os homens.

Caros colegas, reflitam! Quando frequentamos a escola, raramente nos é ensinado como a sexualidade de nossa nação foi moldada. Muitas vezes, em nossa educação tanto escolar quanto universitária, os grandes pensadores universais como Sócrates, Aristóteles e Platão são apresentados como gigantes do pensamento ao longo da história. São retratados como os progenitores do uso da razão, no entanto, seus contextos histórico-sociais raramente são abordados. Deixam de mencionar como viveram em sociedades onde a homossexualidade era aceita, como o caso da Grécia antiga, onde as relações entre homens não eram um tópico tabu.

Apenas me foi transmitida uma perspectiva sobre a cultura deles, marcada pelo machismo e pela misoginia, na qual as mulheres eram tratadas de maneira inequivocamente inferior. Essas informações foram apresentadas na minha educação de maneira quase cínica, rotulando as culturas não ocidentais como “selvagens”. O aspecto intrigante é que o corpo é reduzido ao propósito insaciável da reprodução humana, minimizando os desejos e necessidades naturais. Essa visão ignora completamente os riscos e danos causados ao corpo feminino.

Somente se abre a possibilidade de explorar a narrativa que rebaixava as mulheres como versões mal-acabadas dos homens, insistindo que seus órgãos genitais

subdesenvolvidos as tornavam inferiores. Atualmente, o cenário parece ser dominado pela herança da antiguidade: uma figura masculina que estranhamente impôs suas ideias e dita o que é correto para os outros.

Graças a mais de um século de estudos feministas, as mulheres foram capazes de conquistar a emancipação e se libertar das amarras da cultura patriarcal. Hoje em dia, aos poucos, a forma como as mulheres são tratadas está amadurecendo. Graças ao movimento feminista, as mulheres conquistaram o direito de votar, trabalhar, estudar, viver de forma independente, construir carreiras políticas, decidir sobre o casamento e a maternidade, além de terem a liberdade plena de viver belos romances com pessoas do mesmo sexo.

Se as mulheres, frequentemente relegadas na sociedade ao papel de “segundo sexo”, fossem consideradas normais, isso não levaria automaticamente os homens a serem reconhecidos como o “primeiro sexo”? E os homossexuais seriam então considerados o “terceiro sexo”? E, por sua vez, os imigrantes, indígenas, pessoas com deficiência e pessoas de pele escura seriam catalogados como o “quarto sexo”? Essa classificação alarmante, permeada de preconceito de classe, de visão aristocrática e de xenofobia, apenas beneficia um grupo seleto de pessoas, enquanto perpetua um ambiente intimidador para aqueles que não se encaixam nesse degradante molde predominante. Nesse cenário, muitos indivíduos sentem a necessidade de projetar sua superioridade sobre outros, enfatizando sua habilidade em relação aos demais e assim reforçando a narrativa de sua própria capacidade.

É realmente absurdo observar o que ocorre em nossa sociedade, onde a discriminação e o desprezo são direcionados àqueles rotulados como minorias. Ouvimos então afirmações tolas como: “É claro que sou melhor, afinal, faço parte da maioria.” Se a maioria estivesse a ingerir excrementos, eu também os comeria para me destacar sobre os outros.

A maneira como nossa sociedade está estruturada nos leva a adotar uma postura hipócrita, muitas vezes fingindo fazer parte de uma norma comum, mesmo que isso resulte em uma agressão final. É interessante observar como o capitalismo não possui limites e não discrimina, mas oferece produtos direcionados tanto para a maioria quanto para as peças e minorias marginalizadas. No entanto, quando se trata de uma mudança política real, esses mesmos grupos rejeitados e negligenciados em termos de seus direitos comuns e legais são frequentemente deixados de lado. Isso levanta uma questão: o que é mais chocante? Um capitalismo desenfreado sem um líder ou um líder espiritual que, enquanto defende uma moralidade, abusa de mulheres, homens, adolescentes ou crianças?

Será mais chocante nos dias de hoje o amor entre duas pessoas do mesmo sexo? Ou a criação de uma criança por duas mães? Será que os líderes espirituais e políticos que nos governam nacionalmente realmente compreendem o significado do amor, ou eles simplesmente o filtram através de suas estruturas e mentalidades fechadas, herdadas de antigas concepções europeias?

Recordemos o Papa Bento XVI, que recentemente renunciou, viajando para a África para abençoar a porta-voz do governo ugandense. Ela estava pressionando

para aprovar uma lei que sancionaria a pena de morte para homossexuais em seu país. Enquanto isso, em nosso país, o ato de reparação foi conduzido pelo Estado. Após um julgamento internacional, o qual resultou em uma vitória na ação judicial, o Estado se viu obrigado a indenizar e pedir publicamente desculpas às mulheres que foram rejeitadas por serem abertamente lésbicas, durante nove anos.

Por que líderes espirituais como padres e o Papa, que não vivenciam uma vida afetiva em um relacionamento de casal, emitiriam opiniões sobre questões afetivas humanas, quando carecem de experiência direta no assunto? Não é curioso que atribuamos relevância a tais pontos de vista provenientes de indivíduos sem vivência no tema em questão? Suas opiniões muitas vezes são moldadas pelo medo e podem tender a exagerar em suas pregações, imaginando que o fim do mundo se equate ao fim da homossexualidade, seguindo suas próprias perspectivas. Isso pode levar a consequências prejudiciais e destrutivas.

O temor do desconhecido aprofunda-se e exerce um fascínio sobre as mentes vulneráveis de muitos seres humanos. Estes indivíduos muitas vezes evitam pensar e refletir sobre questões e temas que nos são impostos como suas peças, os quais outrora foram considerados desviantes e naturais. O medo, por sua vez, constitui um bloqueio que restringe nosso entendimento emocional, eliminando nossa habilidade de enxergar o que é essencial e de almejar uma coexistência saudável entre as pessoas. Muitos seguem essas regras obrigatórias sem questioná-las ou analisar tais mandamentos sinistros. Em vez disso, adotam-nos acriticamente e rejeitam aqueles que não se alinham a essas ideologias antiquadas e perversas.

As pessoas frequentemente abandonam seus próprios pensamentos e se apoiam nas ideias alheias, seguindo sem perceber que esses ideais muitas vezes apenas fomentam a discórdia e a discriminação.

Considere a frase frequentemente repetida por esta religião hipócrita predominante: "Ama o teu próximo como a ti mesmo". No entanto, se esse próximo for homossexual, mãe solteira, prostituta, toxicodependente, de origem peruana, colombiana, ou qualquer outra característica considerada marginalizada, as circunstâncias mudam drasticamente. A figura desse próximo se transforma em algo demonizado e perverso. Já não são encorajados a serem amados como a si mesmos; em vez disso, são prontamente rejeitados, afastados dos holofotes e entregues rapidamente ao escárnio. Essas pessoas não são consideradas dignas de pertencer ao reino dos céus.

Os evangélicos têm, em alguns casos, recorrido à prática de exorcismo em relação a homossexuais, acreditando erroneamente que estão possuídos pelo diabo. No entanto, é válido questionar por que esses líderes espirituais não se submetem a um "exorcismo" mental para remover a ignorância e a estupidez de suas próprias mentes e também das mentes de seus seguidores?.

Em 1973, as ciências médicas e psiquiátricas retiraram a homossexualidade de sua "bíblia" como doença, dando lugar a uma nova doença, a homofobia. Doença muito naturalizada e aceita pela nossa sociedade. Com pessoas que se autodeclaram homofóbicas ou lesbofóbicas, não se percebendo que são elas as verdadeiras pessoas

doentes neste presente científico.

No nosso país, em 1973, assistimos ao golpe militar em nossas terras, seguido por bombardeamentos, ataques, mortes, derramamento de sangue e desaparecimentos. A questão da despatologização da homossexualidade passou despercebida. Mesmo para mim, passei por uma terapia psicológica de saúde pública de cinco anos em 1987, na qual recebi tratamentos psicológicos para explorar minhas práticas amorosas e sexuais, quando internacionalmente já havia se passado 14 anos desde que a ciência abandonou a visão da homossexualidade como patologia fatalista.

Como podem perceber, isso teve excelentes resultados em minha vida fantástica e divertida. O que ocorre em nossa terra quando esse tipo de conhecimento chega com um atraso tão significativo? Quem se beneficia com esse atraso tão perturbador? Por que os jovens estudantes universitários do nosso país ainda estão sendo informados de que a homossexualidade é uma doença?

Caros seres humanos e valorosos seres humanos: se ainda estão ouvindo uns aos outros, confiem em suas verdadeiras identidades, não aquela que é imposta. Assim, compreenderão que, mesmo no meio de grandes calamidades, serão capazes de desafiar as normas da humanidade dominante.

O planeta inteiro foi controlado de tal forma que desde o dia em que aqui chegou, a sua própria vida ensinou-lhe que tudo depende de algo que está fora do seu alcance. Isso é incorreto. Tu controlas e determinas a tua própria realidade. Tens o controle absoluto sobre ti, basta que acredites nele. Pensa que sempre foste uma vítima deste ambiente que te construíram e que tua inocência foi imposta a circunstâncias que permitiram programar tua inteligência, tua vida, teu corpo e teu sexo.

Destrua o paradigma existente e torne-se um herege da realidade.

Dito isso, caso encerrado.

## Tradução

Fabio Wosniak

A tradução do discurso de Hija de Perra na Marcha de 2013 pela Diversidade Sexual em Arica foi realizada com base em um vídeo da ativista disponibilizado no YouTube. Todo o esforço foi feito para capturar com precisão a mensagem e o conteúdo do discurso original. Agradecemos à comunidade por possibilitar o acesso a esse material significativo e inspirador. Expressamos nossa profunda gratidão a todas as pessoas envolvidas na criação e curadoria do conteúdo fornecido por @hijadeperraoficial. Seu compromisso em compartilhar perspectivas valiosas, promover a conscientização e incentivar a aceitação é notável e impactante.

**Submissão: 12/08/2023**

**Aprovação: 18/08/2023**